

O grão da voz que une o passado e o presente

31º Festival Internacional de Música da Póvoa do Varzim

Graindelavoix

Björn Schmelzer (direcção)

igreja Românica de S.Pedro de Rates

29 de Julho 2009 às 21h45

Lotação esgotada

A estreia em Portugal do agrupamento belga Graindelavoix, dirigido por Björn Schmelzer, foi um dos eventos a suscitar maior curiosidade no último Festival da Póvoa do Varzim. O evento conta com uma sólida tradição na música antiga e um público fiel que encheu a Igreja Românica de S.Pedro de Rates para ouvir o programa *Pouissance d'Amours*: místicos, monges e menestrais do século XVIII no Brabante.

Retomando o título de um tratado anónimo oferecido ao duque de Brabante (*Pouissance d'Amours*), Schmelzer levou a cabo um exercício ambicioso de recriação do mundo sonoro de toda uma região a partir de fragmentos musicais dispersos e outras informações sobre a história e a cultura da época, tendo em vista um registo discográfico na etiqueta Glossa.

Canções do Duque de Brabante (Henri III), cantochão da abadia cisterciense de Villers, poemas de religiosas místicas como Beatrice de Nazareth, Hadewijch e Christina von Stommeln e música de alguns trovadores (termo que designa os trovadores do Norte) articulam-se num mosaico sempre diversificado no que diz respeito às diversificações vocais e instrumentais, aos estilos de execução e à disposição no espaço. Por exemplo, os poemas de Hadewijch (adaptados a melodias da época através da técnica de contrafacto) foram cantados em diferentes pontos da igreja e nos trechos de cantochão da Abadia de Villers os cantores recuaram na Capela Mor e usaram duas estantes improvisadas à maneira de facistol, recriando a prática de seguir um único livro de coro de grandes dimensões.

Logo no início do concerto, a poderosa interpretação da sequência *O Ecclesia*, de Hildegard Von Bingen, acompanhada por imponentes bordões vocais, causou um forte impacto. Os Graindelavoix, cujo nome se inspira numa expressão de Roland Barthes ("o grão é o corpo na voz que canta..."), cultivam deliberadamente a heterogeneidade sonora, recorrendo a cantores com diferentes percursos e colocações vocais - do repertório clássico erudito à música tradicional do Sul de Itália. O resultado é uma espécie de escultura sonora, que decorre não só das texturas musicais, mas também da sobreposição de timbres díspares. O som tanto pode ser mágico e envolvente como rugoso e nasalado. Os dois mundos podem também unir-se harmoniosamente como nas peças de Hadewijch cantadas por Silvie Moors (intérprete com incursões no jazz e world music) e Patrizia Hardt.

Tendo em conta que a notação não fornece indicações rítmicas precisas e que as intervenções instrumentais são conjecturais, é possível fazer uma ideia do que a montagem de um programa como este implica. Os Graindelavoix usam abundante ornamentação e recorrem à heterofonia (improvisação ornamentada em paralelo com

a melodia principal), bem como à reconstrução como é o caso da Estampie do Codex de Montpellier, adornada com imaginativas improvisações no alaúde, na viela de arco e no guiterne.

O trabalho do grupo alicerça-se numa pesquisa profunda, mas também na liberdade e na experimentação, inspirando-se quer em referências históricas, quer em vivências das músicas de tradição oral - Björn Schmelzer é etnomusicólogo e até já foi músico de rua. O conceito de "interpretação historicamente informada" resulta aqui redutor, sendo pertinente adicionar-lhe a ideia de interpretação etnomusicologicamente inspirada". A proposta não é nova e é susceptível de intermináveis discussões académicas, mas os Graindelavoix conferem-lhe uma marca inconfundível que desafia e emociona o ouvinte, colocando-o numa fascinante encruzilhada entre o passado e o presente.

Cristina Fernandes, o Público, 2-08-2009